

V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

DESCOBRINDO O TERRITÓRIO

AUTOR PRINCIPAL: Giulia Cabeda de Camargo

CO-AUTORES:

ORIENTADOR: Clenir Maria Moretto

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

A pesquisa na qual a academia está habituada consiste em um ser solitário, adulto e ajuizado construindo um saber de forma isolada. O processo de pesquisar através da cartografia social, por ser um método que remete para construção de mapas de forma criativa e aberto para a dimensão da subjetividade do pesquisador, vai pela via contrária. No ano de 2017 o projeto de extensão Observatório de Juventude, Educação e Sociedade, da Universidade de Passo Fundo, iniciou um trabalho de pesquisa e intervenção junto ao território do bairro José Alexandre Zachia e, em parceria com a Guaraci Barroso Marinho propôs um projeto de cartografia social, em que os sujeitos pesquisadores, além dos bolsistas de extensão, seria a juventude que ali vive e convive. Em 2018, o projeto continua e entre as principais frentes de trabalho, está o grupo Descobrir, estratégia fundamental para a pesquisa-intervenção, que traz semanalmente uma abundância de saberes e experiências destes adolescentes.

DESENVOLVIMENTO:

O grande questionamento que nos move neste processo, como um todo, consiste em como pensar e introduzir a pesquisa com adolescentes, de modo que eles sejam protagonistas e vivam experiências que pouco são oportunizadas para a juventude periférica. Em conjunto com o grupo Clips e o Plantão do Cuidado (ambos espaços voltados ao cuidado da saúde mental), o grupo Descobrir tem como ação primordial conhecer a realidade dos jovens que habitam este bairro, de modo que neste espaço, semanalmente, os próprios participantes do grupo construam o mapa do bairro e suas possibilidades, isto é, a pesquisa em si.

V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



Considerando que “Sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 56), devemos estar atentas ao respeito por estas vidas em construção e desenvolvimento, afetadas em seu cotidiano com o decorrer da pesquisa-intervenção. Ao caminhar pelo bairro com os adolescentes que participam do grupo, “O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 61).

Ao passo em que nos questionamos sobre qual o papel da arte nestas trajetórias de vidas, percebemos que o desenhar, pintar, dançar e cantar é o que movimenta a juventude do bairro, em sua grande maioria. Com isto, como forma de fazê-los vincular as propostas, e considerando seus desejos, construímos com eles coreografias e teatros, que reforçam esta constatação e nos mostram, cada dia mais, a potencialidade lá existente e negligenciada pelo restante da cidade, por ser considerado, estigmatizado, como um bairro violento e perigoso. Neste sentido, para além do pesquisar, a intervenção se mostra necessária como um ato de empoderamento e confiança em suas capacidades; é preciso, então, que se “construa instrumentos que possibilitem a práxis entre o saber das populações e o saber acadêmico-científico, dando protagonismo aos atores sociais” (SNYDER et al., 2016, p. 298, grifo do autor).

Este grupo, que se constitui por aproximadamente 16 estudantes do ensino fundamental da escola Guaraci Barroso Marinho e se reúne semanalmente em turno inverso as aulas, nos ensina muito mais do que ensinamos a eles. Não basta querermos levar a teoria para a prática, temos de estar abertos para a prática vir para a teoria, abrindo nossos olhos para o mundo fora da academia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Para concluir brevemente, podemos perceber, a partir de nossas intervenções junto ao grupo Descobrir, que a cartografia “está além do fazer geográfico, está também no movimento da arte” (MAIRESSE; FONSECA, 2002, p.115), assim como, que cartografar é desafiar-se a experimentar outros mundos de modo a conhecê-los e com eles aprender.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V.. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. Cap. 3. p. 52-75.

MAIRESSE, D.; FONSECA, T. M. G. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 7, n. 2, p.111-116, jul./dez. 2002.



V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



SNYDER, R. E. et al. O desenvolvimento de uma pesquisa-intervenção com uma comunidade urbana. Fractal: revista de psicologia, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p.296-306, set./dez. 2016.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):

ANEXOS